



Vária Palavra



**Afonso Arinos
e o fantasma
de Getúlio**

Edmilson Caminha



AFONSO ARINOS E O FANTASMA DE GETÚLIO

Entre os grandes escritores que, ao longo da história (e até recentemente), dignificaram a política brasileira, mencionem-se quatro, pela inteligência e pelo saber que lhes eram comuns: José de Alencar, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Afonso Arinos de Melo Franco, o mineiro ilustre que me concedeu, em 1986, substancial entrevista para o Diário do Nordeste, de Fortaleza.

No ensaísta do Espelho de três faces, no sociólogo de O índio brasileiro e a Revolução Francesa, no historiador de Um estadista da República notam-se o conhecimento da língua e o apuro literário do memorialista de A alma do tempo, A escalada, Planalto e Alto-mar/maralto, primores do gênero em nossa literatura. Diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, recebeu-me em seu escritório para a conversa em que falou de literatura mas, principalmente, dos trabalhos da Comissão de Estudos Constitucionais que presidia, encarregada de estabelecer os parâmetros da Constituição Federal que viria a ser promulgada em 1988.

Deu-me respostas comedidas, ponderadas, em que, diferentemente de tantos fanfarrões, não buscou reescrever o passado, para atribuir-se importância maior do que verdadeiramente tivera. Perguntei-lhe: “O ministro Hermes Lima, seu companheiro de Itamarati, costumava dizer que política é uma atividade para pecadores. Como o senhor fez para conciliar a honradez e a dignidade com os conchavos próprios de um mandato parlamentar? As transigências da função política não o incomodavam?” Com franqueza e elegância, respondeu:

— Não, porque nunca tive prestígio político, propriamente. Eu era o homem que falava, me mandavam para a tribuna. Dos acordos partidários, lutas, paixões, ambições, não participava muito. O que eu fazia era falar, dizem que melhor do que os outros. Então era o homem que ia para a tribuna: eles resolviam e eu expunha, às vezes com excessiva veemência, reconheço. Nunca pretendi influir decisivamente no meu partido: resistia a certas tendências que me pareciam incorretas e eles respeitavam minha posição. Isso sempre aconteceu. De vez em quando não aceitava a decisão já tomada, e o fato de eu não aceitar era suficiente para que revissem o assunto. Mas, em geral, nunca exerci liderança política; quando muito tive liderança oratória, era o porta-voz da UDN, um partido importante. Mas sempre defendi um princípio que observo até hoje, aos 80 anos de vida: sou muito capaz de fazer

coisas de que me arrependa, mas nunca de que me envergonhe. Essa é a diferença, e muito clara.

Tempos depois, visito-o no gabinete de Senador da República, em Brasília, e lembro-lhe o discurso que proferira na Câmara, como líder da oposição a Getúlio, em 13 de agosto de 1954; no dia 24, o presidente se matava com um tiro no peito, tragédia para a qual contribuíra, acusavam alguns, a violenta manifestação do deputado Afonso Arinos. E ele, em surpreendente confissão: “Pois é, sempre me angustiou a ideia de que eu possa ter concorrido, embora involuntariamente, para a morte de Vargas. Hoje, não faria aquele discurso, em que talvez tenha pecado por excesso, diante da turbulência política que então nos assustava. Acontece que só o distanciamento histórico permite essa avaliação; no calor da hora, fazemos o que nos obrigam as circunstâncias, e eu era o líder da minoria, a quem coube falar em nome dos colegas, não só em 13 de agosto, mas também onze dias depois, quando voltei à tribuna agora para lamentar, respeitosamente, o suicídio que traumatizara o Brasil. Pudessem voltar no tempo, preferiria não pronunciar aquele primeiro discurso, mas assim não haveria a história como testemunho do que, bem ou mal, ocorreu no passado, pois seria continuamente reformada, refeita pelos personagens que sobreviveram ao tempo, e assim não apenas envelheceram, se tornaram mais sábios, mais experientes, mais precavidos, mas também mais inseguros, mais hesitantes, mais medrosos...”

Amigo do poeta e prosador fluminense Xavier Placer (1916-2008), Afonso Arinos escreveu-lhe duas cartas até este momento inéditas, presentes generosos que recebi do destinatário ao saber da minha admiração pelo autor do Roteiro lírico de Ouro Preto. A primeira manuscrita, sem data (com o carimbo dos correios, no envelope, de 30 de abril de 1984):

Rua Dona Mariana 63 –

Botafogo

Meu caro Xavier Placer

Fiquei muito sensibilizado com sua carta pascal. Recebi-a nesses dias de repouso e meditação. Há tempos que não passava os olhos em A alma do tempo. Provocado pelas observações da sua carta, com ela em mão, percorri esse livro e, sem nenhum sentimento de vaidade, senti que ele representa bem a claridade do meu crepúsculo vital. Um homem de 78 anos, como eu, sente-se consolado dos lados escuros da existência humana, quando percebe que a mensagem fixada de sua vida pode ajudar os leitores a viver. Recolhido à paz do casal (nos dois sentidos desta palavra portuguesa), percebo que o homem

idoso não é solitário se se acompanha, pois a solidão – que tanto atinge aos jovens – no fundo não é senão a ausência de si mesmo. Sua carta provoca-me esta presença de mim dentro de mim, do que vivi no que vivo, e, talvez, no que outros viverão. Não pense que estou me isolando nesta posição. Penso em outros [ilegível] e companheiros de [ilegível], como Drummond ou Nava, que deverão sentir a mesma impressão. Vejo que você é professor da Uni-Rio e sei que a sede dela é próxima à minha casa, pois fica em Voluntários da Pátria. Se um dia – ou mais de um dia – lhe aprouver, telefone para esta velha casa de Dona Mariana e venha conversar um pouco. Desculpe o descoordenado desta carta não [ilegível] e aceite o abraço do colega agradecido

Afonso Arinos

A segunda carta é datilografada:

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1984

Ilmo. Sr.

Professor Xavier Placer

Niterói – RJ.

Meu caro Xavier,

Tive grande satisfação em receber suas palavras amigas de adesão às opiniões que manifestei na recente entrevista ao Jornal do Brasil.

Concordamos em que os atuais acontecimentos políticos são de tal gravidade que nenhum brasileiro consciente pode quedar-se insensível. E acredito, por isso mesmo, que grandes mudanças estão por vir.

Enquanto isso, sem cultivar a presunção de realizar esforço notável, procuro contribuir, dentro de minhas limitadas possibilidades, para sensibilizar o povo e o governo no sentido de superar a inquietante crise que ora tumultua a nação.

Suas palavras de confiança e solidariedade são para mim o melhor estímulo. Agradeço-lhas de coração.

Na expectativa do próximo encontro pessoal, abraça-o cordialmente o colega e amigo

Afonso Arinos

Esse o pensador, o jurista, o escritor, o político sobre quem Luiz Viana Filho afirmou, no encerramento do seminário com que a Universidade de Brasília homenageou o colega, em 1981: “É muito difícil que outra personalidade do Brasil tenha, com a mesma grandeza, com a mesma luminosidade, com a mesma intensidade, essa multiplicidade de facetas. Ele não é o historiador, não é o orador, não é o poeta. Ele é tudo!”